



A CRÍTICA DE MICHEL HENRY A GENEALOGIA DO PENSAMENTO MODERNO OCIDENTAL

Jéssica Coimbra Padilha*

Resumo: Este artigo tem por objetivo abordar, em linhas gerais, a temática do ser da sensação, a forma de expressão da própria vida, dado pela afetividade, escrito por Michel Henry em contraposição a genealogia do pensamento moderno ocidental, iniciado por Galileu que, segundo Henry, contribuiu para a expulsão da vida. Além disso, abordaremos de forma sucinta a contrarredução cartesiana analisada por Michel Henry, bem como as suas contribuições à fenomenologia da vida do mesmo. Para isso, serviremos das obras: *A barbárie*, de autoria de Michel Henry, o artigo 26 de *Paixões da Alma*, escrito por Descartes e *A crise das ciências Européias*, de Husserl.

Palavras-chave: Corpo. Contrarredução. Sensação. Afetividade.

À medida que exclui a vida, suas prescrições e suas regulações, ela não é somente a barbárie sob forma extrema e mais inumana já conhecida pelo homem, é a loucura (HENRY, 2012, p.90).

Introdução

Em um conto intitulado “A aldeia mais próxima”, Kafka relata a história de um velho sentado sobre o umbral de sua porta e que observa as pessoas passarem. Se elas soubessem, pensa ele, o quanto a vida é breve, não partiriam mesmo para o mais breve vilarejo, pois compreenderiam que não teriam o tempo para chegar até lá. Esse texto significa, para nós, a irreabilidade do tempo. Se nós olharmos atrás de nossas vidas, tudo que nos ocorreu no passado, vemos que tudo isso se reduz a nada, que não há senão este instante que vivemos. E o porvir, ele tampouco, não é. Se quisermos voltar, por exemplo, até o vilarejo de nossa infância, se

* Acadêmica de Filosofia Licenciatura, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: coimbrajee@hotmail.com

quisermos nos reencontrar com esse tempo, não reencontraríamos nada. É que a vida é interioridade, e na exterioridade ninguém nunca se encontrou. Com essa reflexão feita por Kafka, iniciamos o artigo sobre a vida, essa que é primeira e originária defendida por Michel Henry, bem como suas contribuições a fenomenologia da vida, tendo em vista que a fenomenologia dita clássica expulsou a vida, tratando o humano objetivado, sem o conceber como um corpo subjetivo dotado de vida antes de qualquer objetivação.

1 A herança do pensamento ocidental: ciência ou “abismo” ontológico?

A matéria da afetividade, sua substância, sua fenomenalidade, é a própria fenomenalidade, o surgimento dessa última, o seu surgimento original, o que, em primeiro lugar, rejeita o nada, o que ser revela de tal modo que o quê dessa revelação, o quê pelo ele é dito que se revela, é a própria revelação. A afetividade é revelação de seu ser e é por isso que ela é o ser (HENRY, 1990, p. 160).

Michel Henry utiliza *A crise das ciências Europeias*, escrito por Husserl para a análise do pensamento Ocidental, tendo como ponto de início uma das afirmações de Husserl, a saber, que a crise da ciência Ocidental deriva da participação de Galileu Galilei no século XVII. Foi com Galileu que se desenvolveu a transformação da concepção tradicional de mundo, bem como da ciência e do corpo. Isso se deve ao fato de Galileu ter afirmado que o corpo sensível, ou seja, o que se pode sentir, não passa de ilusão e que, portanto, o universo real, não é formado por elementos desse tipo e sim, por ideais matemáticos.

Enquanto que para Henry, o pensamento ocidental levou a indiferença generalizada do humano, para Husserl o pensamento ocidental iniciou-se com o distanciamento de si. Isso é constatado no problema central trabalhado por Husserl a onde gira¹ em torno do fato de que a filosofia moderna se deixou influenciar por demasiado pela física de Galileu, que concebia a natureza como um universo matemático passível de ser moldado pela geometria pura e antecipada pela “matematização”² dos fatos. Isso significa que pela geometria pura, as formas

¹ A crise das ciências Europeias, Husserl.

² O termo “matematização” esta sendo usado como sinônimo de técnica.

ideias moldam a natureza e legitimam sua objetividade. Além disso, através da matemática, é possível, já que a natureza é um universo matemático, antecipar-se ao fluxo de acontecimentos que nada mais são do que cálculos matemáticos passíveis de inteligibilidade. Portanto, o mundo dado, pré-científico, se tornou conjunto de cálculos possíveis de formas ideias.

A crise da filosofia ocidental e das demais ciências da subjetividade intensificou-se quando essas ciências assumiram o paradigma “fiscalista” de Galileu. Ou seja, quando a vida interna do sujeito também passou a ser uma questão da matemática. Tendo isso em vista, o universo para Galileu, pode ser reduzido ao corpo material extenso delimitado apenas por objetos e formas. Dessa forma, o conhecimento sensível, é desqualificado e substituído pela geometria, que determina a construção ideal do universo, tratando as impressões e características do humano como simples “aparecer” sem relação alguma com a realidade, nascendo uma pretensão da ciência geométrica de constituir e dizer o que é o verdadeiro saber do Homem. E mais, as qualidades sensíveis são afastadas da forma de conhecimento e por isso, nossa vida, o que vivenciamos, sentimos, tocamos, é deixado, efetivamente de lado.

Husserl tendo isso em vista tentou solucionar o problema demonstrando que a fenomenologia, através da sua atividade descritiva e crítica, era o único caminho capaz de devolver a filosofia seu papel originário e, por conseguinte, estabelecer um fundamento para as ciências e resgatar o sentido do sujeito. Todavia, Michel Henry, diverge desse ponto, afirmando que Husserl, ainda tratou o sujeito deslocado da vida uma vez que, o método fenomenológico criado por ele, desconsiderou a vivência do sujeito, que é primeira antes do próprio ser.

Ora, com relação ao paradigma científico Europeu e ao método estabelecido por Husserl, podemos objetivar as seguintes questões: até que ponto eles podem conduzir a humanidade para vida? Ainda serve como modelo para a subjetividade? Em que medida é capaz de valorizar a essência do ser Humano, compreender seu mistério e promover sua dignidade sem instrumentalizá-lo?

Tendo essas perguntas como princípio, Henry concluiu, como foi mencionado acima, que o universo para Galileu, pode ser reduzido e delimitado apenas por objetos e formas, e, dessa forma, o conhecimento sensível é desqualificado e substituído pela geometria, que determina a construção ideal do universo, tratando as impressões do humano como simplesmente nada. Não obstante, embora Henry seja um fenomenólogo, ainda acredita que Husserl não considerou a qualidade sensível, visto que, o método de Husserl, tem o objetivo de fundamentar a fenomenologia como uma nova ciência eidética dos vividos intencionais da

consciência (e disso partilham a maioria dos fenomenólogos seguintes). O que significa dizer que a vida como primeira, o ser vivente, isto é, o que experienciamos, sentimos tocamos e por sua vez, o corpo subjetivo foi esquecido e o nosso mundo passa a ser o que a vida se retirou.

A decisão galileana de excluir a subjetividade do seu tema de pesquisa não é apenas de ordem intelectual: em si, é a vida que se volta contra si mesma. Por trás da modificação do saber, como sua causa ou efeito, produz-se o surgimento dos grandes fenômenos de autodestruição, o da vida que é identicamente o da cultura. A barbárie propôs uma descrição sistemática desses fenômenos, cujo horror decorre tanto do seu conteúdo quanto do seu inevitável desenvolvimento (HENRY, 2008, p. 18).

O projeto de Michel Henry pode ser caracterizado, pela pretensão de fazer uma verdadeira fenomenologia, (fazer uma fenomenologia radical) de levar ao verdadeiro termo de fenomenologia husserliana, analisando suas múltiplas heranças e as considerando para radicalizá-las e dar-lhe uma nova direção. Este é sem dúvida, um projeto inovador, pois apropria-se das obras ditas “históricas” para trazer a tona uma nova reflexão, um novo modo de fenomenalidade, para chegar a uma fenomenologia material ou fenomenologia da vida, cuja carne é o corpo vivido, experienciado e o motivo pela manifestação da vida.

2 A reflexão de Henry sobre Descartes - Análise do artigo 26 das *Paixões da Alma*

É Fato que Descartes em alguma medida, continuou as ideias e o legado de Galileu. Evidentemente que essa afirmação concerne ao projeto de fundação da nova ciência, todavia, há uma grande diferença entre o pensamento de Descartes e Galileu, com relação a dados subjetivos. Descartes, segundo Henry, faz uma contrarredução,³ pois, Descartes nunca duvidou do saber da ciência, mas como gênio que era constatou que o saber da ciência não era suficiente e que havia um saber mais originário ainda que este (HENRY, 1988, p.33), porque se situa onde o fenômeno se dá, manifestando-se .

Em busca da verdade ou do verdadeiro conhecimento, Descartes investiga o *videor*⁴ e *videre*⁵, sendo o primeiro a experiência imediata da visão e *videre* é o que se efetiva a partir de si, e assim, Descartes não afirma aqui a consciência reflexa do ver, mas, a impressão imediata do ver, como na frase: “parece-me que vejo, que ouço, que me aqueço, sendo isso o

³ Refere-se a esse termo para dizer que, Descartes foi o primeiro filósofo a tecer uma reflexão radical que destaca a primazia da consciência sobre todos os objetos, o que o faz instaurador da postura transcendental, e que, por sua vez, livra o filósofo de uma visão naturalista.

⁴ Corresponde a experiência imediata da visão

⁵ Conteúdo apresentado pela visão, por isso, depende do videor. MEDITAÇÕES II, AT VII,29, 14-15.

que em mim, propriamente se denomina sentir, e, de modo mais preciso, não é nada mais do que pensar”⁶. Isto é, pensar não significa representar.⁷

Com tudo isso, se quer dizer que essa é a primeira essência, o aparecer a si do aparecer, que no começo foi chamado de cogito da consciência ou o pensar. A análise de Henry, diz respeito ao que remete uma interioridade absoluta e nada tem a ver com o cogito que geralmente se entende como pensar. Dessa forma, aqui se apresenta a consideração de Henry a Descartes, ter compreendido ou definido, que desde o início, não se está o ente, mas, o aparecer do aparecer. Daí se segue, segundo Henry, a contrarredução Cartesiana, visto que, ele inverte a perspectiva do conhecimento ao retirá-lo da objetividade e ao voltar-se a subjetividade. Ou seja, é contrarredução, porque a ênfase passa da possibilidade do conhecer a partir da exterioridade para conhecer a interioridade.

No exemplo da dúvida, realizada por Descartes, a única certeza era a certeza de sentir-se duvidando. Havendo certeza desse sentir-se, sentindo algo (vendo ou duvidando) há um dado fenomenológico e por isso deve ser investigado. Essa manifestação é imediata e sendo imediata é fenomenológica. Portanto, acredita Henry, que a análise cartesiana é uma análise fenomenológica, pois a fenomenologia não está no estado de representar, mas na afetividade, naquilo que pode ser afetado, sem distância dela. E isso antecede a representação.

No artigo 26 de *Paixões da Alma*, Descartes diz:

Resta observar aqui que precisamente as mesmas coisas que a alma percebe por intermédio dos nervos podem ser também representadas a ela pelo curso fortuito dos espíritos, sem que haja outra diferença senão que as impressões que chegam ao cérebro por meio dos nervos que costumam ser mais vivas e mais expressas do que aquelas que os espíritos nele excitam (...) É preciso observar também que ocorre algumas vezes que essa pintura é tão semelhante a coisa que representa, que podemos nos enganar no tocante às percepções que se relacionam aos objetos fora de nos ou então, no tocante àquelas que se relacionam a algumas partes do nosso corpo, mas não podemos enganar da mesma forma no tocante às paixões, porquanto são tão próximas e tão interiores à nossa alma que é impossível que ela as sinta sem que sejam verdadeiramente tais como ela as sente (DESCARTES, 2010, p. 45).

Ao desenvolver o artigo 26, Descartes traz a problemática, a saber, a ação do corpo sobre a alma por intermédio dos nervos dos espíritos, mantendo-se assim, nos antípodas da redução, ele regressa bruscamente a esta. Aquele que dorme, ou está sonhando pensa ver ou sentir e são resultados da pretensão de alcançar a verdade, lançados para a exterioridade, ao passa que o sentir a si próprio, a sua substancialidade pura, é revelado a si próprio e nenhuma

⁶ DESCARTES, apud GP, p. 57. In: Second Meditation, p 422.

⁷ No alemão *vor-stellen*, as duas indicam distância.

ilusão tem poder sobre elas, e não há dúvida sobre o que se sente, como Descartes continua em *Paixões da alma*:

[...] Assim, muitas vezes quando dormimos e mesmo algumas vezes estando acordados, imaginamos tão fortemente certas coisas que pensamos vê-las diante de nós ou senti-las no próprio corpo, embora não estejam aí de modo algum. Mesmo que, porém, estejamos adormecidos e sonhando, não poderíamos sentir-nos tristes ou comovidos por qualquer outra paixão, sem que realmente e na verdade a alma tenha em si essa paixão (DESCARTES, 2010, p.45).

Fica claro, então, que Descartes mostra a mesma certeza de sentir agora em relação à tristeza ou outra emoção, quer se esteja a dormir, quer esteja acordado. Quer sintam-se acordado, quer esteja em um sonho. O sentir é real, a afecção em si da vida é real, tecido pelo qual se faz prova até em sonho. E desse modo, o cartesianismo do começo, a saber, a do *videor* e do *videre*, repete-se em uma fenomenologia material fundada nos modos fundamentais do aparecer.

Portanto, Descartes têm dúvida da existência dos objetos perante a ele, mas não tem dúvida do sentimento de sentir a dúvida e esta segundo Henry, é a essência primeira da consciência, sendo esse “aparecer a si do aparecer,” que no começo foi chamado de cogito. Porém, o que lamenta Henry, é que a descoberta de Descartes não foi preservada, nem deu-se continuidade com Descartes, nem com a continuação da fenomenologia dita “clássica”, essa mesma fenomenologia que dificulta a essência do Humano (pois, só temos acesso as coisas se nos dirigirmos intencionalmente a elas). Todavia, Descartes foi denominado por Henry como “o cartesiano do começo” e contribuiu muito para seus escritos e estudos em fenomenologia da vida e por sua vez, em fenomenologia material.

Sendo assim, Michel Henry faz uma inversão ao pensamento do cogito de Descartes, afirmando que só é possível o pensar, porque antes, há a existência, o sentimento, desenvolvendo o “Sinto, logo existo” e não “Penso, logo existo”, pois o ego nasce na vida e só nela é inteligível. O que precisamos deixar claro é que mesmo que Descartes seguisse e seguiu outras linhas, quebrou o “laço” de fenomenalidade extática, não se deixando reduzir a um momento histórico do ser.

Considerações finais

Nesse artigo, abordaremos as contribuições e os abismos criados pela genealogia do pensamento ocidental em contraposição ao pensamento de Michel Henry. A ciência que foi

mencionada e criada anteriormente por Galileu, é a ciência da matemática, objetivação, que faz abstração da sensibilidade. Porém, essa objetivação, essa ciência tratada no artigo, só pode abstrair da sensibilidade, porque inicialmente abstrai da vida. Esta mesma que ignora, rejeita quase que totalmente a vida e a manifestação dela.

A ciência afasta a qualidade sensível, e o corpo subjetivo ainda não objetivado, eliminando-o quase que totalmente. Não se pode negar, que a teoria da matemática, forma e fisicalidade de Galileu, assim, como a fenomenologia de Husserl teve grande importância. Mas, no caso da cor, dos sons, dos sólidos, o que há nesses elementos que não são puramente compreensão física? Michel Henry defende, que é o ser da sensação, pelo qual sem ele, nada pode ser objetivado e antes disso ele precisa existir, é preciso ter um corpo vivo que experimenta a si mesmo.

A pretensão da ciência de reduzir o mundo da vida a um mundo de idealidades e abstrações físico matemáticas repousa sobre a ilusão prévia de que as propriedades sensíveis deste mundo são precisamente as suas e lhe pertencem propriamente e que uma vez que a cor está na natureza e na alma, se pode aprender o ser natural. O que Michel Henry defende é que, a ciência, essa que acredita só no mundo matemático e que se comporta como tal, se torna a técnica, ou seja, um conjunto de operações e transformações que busca sua possibilidade na ciência e em seu saber teórico, com exclusão de qualquer outra forma de saber, com exclusão de quase toda referência ao mundo, excluindo a vida. No entanto, a essência da técnica, em sua dupla relação positiva em relação à ciência, negativa em relação à vida, é difícil de aprender.

A técnica representa dessa forma, a expulsão da vida. O que Michel Henry defende, sobretudo, é que a técnica é a natureza sem o homem, a natureza abstrata, reduzida a si mesmo, devolvida a si exaltando-se se exprimindo, seu autodesenvolvimento de tal modo que todas as potencialidades nela incluída são e devem ser atualizadas em prol de si mesmo. A técnica é a destruição, ela é autor da realização da natureza sem a vida. Aqui se encontra a verdadeira barbárie, o abismo, ao invés da cultura. Henry diz: “À medida que exclui a vida, suas prescrições e suas regulações, ela não é somente a barbárie sob forma extrema e mais inumana já conhecida pelo homem, é a loucura” (2004, p.90).

Consequentemente, tudo o que pode ser feito pela ciência deve ser feito por ela mesma e para ela, uma vez que não há nada além dela e da realidade que ela conheça, a realidade objetiva, da qual a técnica se coloca em primeiro lugar, negando a autoafecção do humano que se manifesta pela carne na vida.

Referências

DESCARTES, R. **As paixões da alma**. Tradução de Ciro Mioranza. Editora Escala, 2010. (Coleção Grandes obras do pensamento Universal).

HENRY, M. **A Barbárie**. São Paulo: Editora É Realizações, 2012.

_____. **Filosofia y fenomenologia del cuerpo**. Salamanca: 2007.

_____. **Fenomenologia de la vida**. 2010.

HUSSERL, E. **La crisis de las ciências europeas y la fenomenologia transcendental**. Buenos Aires: La ed 2008.

KAFKA, F. **Um médico rural**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

SCHERER, René. **La fenomenologia de las investigaciones lógicas de Husserl**. Madri: Uned, 1986.